

QUANDO ACORDAR, LEMBRE-ME DE QUE NÃO DEVERIA TER DORMIDO

Tânia Bittencourt Bloomfield¹

À beira da cama, os pés tocam o chão metálico. Levantar? Há uma urgência a ser aliviada, mas a energia é insuficiente para tanto. As pernas são recolhidas, na tentativa de um novo mergulho na profundidade que é alçada por degraus abaixo. Tropeços e quedas intermitentes em direção ao fundo turbulento atrasam a descida. Quanto mais desejado o último patamar, mais difícil é consegui-lo. Seria possível retornar à paisagem de onde havia acabado de emergir?

Acordar às cinco horas da madrugada não era uma opção, mas obrigação. Da cozinha, o cheiro do café em forma de gancho espetava o estômago. Mas só de pensar que, ao invés de manteiga, o que havia era uma porção de banha de porco espessa para ser passada sobre a broa, fazia com que o corredor ganhasse muitos metros a serem superados. Vindo do bosque desolado, o inverno insistia em se dividir em muitas lâminas, atiradas em rajadas que

¹ Professora do departamento de Artes da UFPR, desde 1998. Artista visual com diversas exposições artísticas realizadas, no Brasil e no exterior. taniabloomfield@ufpr.br.

✉ DEARTES UFPR, Rua Cel. Dulcídio, 638, Batel, Curitiba, PR. 80420-170.

Quando acordar, lembre-me de que não deveria ter dormido

Tânia Bittencourt Bloomfield

violavam as frestas das paredes de madeira. Esse era um tempo que teimosamente resistia em permanecer na memória. Como ele queria livrar-se disso! Tudo o que fez a seguir em sua vida refere-se a essas imagens como a negatividade a ser afastada ou dissimulada. Dedicou-se a construir muitas versões dessa origem, de modo que o exercício da multiplicidade trouxesse, um dia, a narrativa perfeita. E, quando esse dia chegar, nela ele acreditará com todas as forças até à indistinção, apartando tudo aquilo que o confrontar com a verdade. Uma verdade só existe se for inventada, costuma repetir para si mesmo.

Após alguns minutos de atenção à respiração compassada, formam-se uma bruma e alucinações que habitam as margens do sono. Aos poucos, o ar fica mais denso. Dormi? Se sim, sinto o cheiro da terra úmida, viscosa, saturada por dias de chuvas torrenciais, e dos odores inebriantes do esterco da criação. Diferentemente de outras pessoas, sempre gostei de cheiro de bicho, daquela mistura de cheiros de zoológicos, de currais e cavernas. Uma lembrança de não sei de quem infesta as telas das pálpebras fechadas.

Da janela do quarto, sob a luz preguiçosa do crepúsculo, observo o pai cortando lenha raivosamente para alimentar o fogão que já dá sinais de fraqueza. A partir dos longos tacos do piso, a casa, apoiada na artrite de suas juntas, começa a estalar aos arrepios em sua espinha. A mãe alerta, aos gritos, para que todos estejam à mesa na execução da primeira oração do *Angelus*, antes que o pai volte com a lenha. Desta vez, o irmão mais novo não conseguiu. A consequência, todos os pés descalços já haviam testemunhado em ocasiões anteriores. Em horas desventuradas como esta, as cabeças pendem apontadas para o chão.

Fora a estridência nervosa da mãe, em momentos sincronizados pela rotação do planeta e pelo relógio na sala, um dos dois únicos dotes que havia levado para o casamento, na casa reinava um silêncio eloquente dos regramentos do pai. De resto, respirar era permitido.

Movimentos involuntários das pernas agitam o cobertor. Em um giro, o corpo tomba para o lado direito, desconfortável. Para o outro lado, então. Melhor... Não. Decúbito dorsal. Observo a impressão do sapato assassino acima da cama, indício do desmembramento de um pequeno inseto, e penso sobre a longevidade. Retomo o exercício de meditação, na esperança de voltar à paisagem onde estava. De fato, não quero, mas não consigo resistir. A distância parece ser segura. Os braços escorregam, flácidos.

Uma fantasmagoria, de que não sabe localizar com precisão a origem – se dos zunidos agudos pelos tapas nas orelhas, dos vergões das varas de marmelo ou da fivela do cinto nas costas –, cresce e torna o pulsar do coração, a cada dia, mais amotinado. Até quando ficar em pé, sem que uma lágrima exploda pela gravidade? Para se esquivar da insídia de infringir o quinto mandamento contra o poder pátrio, algumas distrações: matar passarinhos com bодоques; montar armadilhas cruéis para pequenos roedores; fustigar os filhos dos vizinhos mais pobres que ele

Quando acordar, lembre-me de que não deveria ter dormido

Tânia Bittencourt Bloomfield

próprio; jogar carrapichos nos cabelos compridos das meninas ou colocar gafanhotos coloridos vivos, do tamanho da palma da mão, dentro dos estojos escolares. À noite, à luz de lamparina, e de dia, durante as aulas de civismo e de ciências, costuma perder-se no preenchimento de muitas folhas com desenhos de mansões, grandes propriedades, pedras preciosas e muitos símbolos da vida grandiosa que imagina para si. Mas, enquanto tentam conformar o seu caráter à base de palmatórias, de missas e do catecumenato da escola confessional, o devaneio mais prazeroso é se projetar no futuro e imaginar uma prole de olhos ovinos ou o comando de subordinados emparelhados, para lhes passar o legado das encarniçadas descomposturas sofridas em sua juventude.

O corpo já havia sido lavado e vestido. Na sala, a mesa de jantar, com sentinelas acesas em seus cantos, estava preparada para recebê-lo. Mesmo em decomposição, desacelerada por décadas de talagadas de aguardente, o pai exigia que o choro fosse apenas murmurado. Pela primeira vez, o filho encontrava-se acima de sua estatura estendida. Postou-se ao lado esquerdo da mesa e algo que nunca havia sentido fiascou em seus olhos raquíticos: um regozijo, um frenesi, uma sensação de que havia acabado de nascer de uma pera de vidro incandescente. Naquele exato momento, tomou consciência de que a vida não tem valor em si. Algumas podem ser extintas sem muitos pesares, se isto for útil a determinados propósitos, naturais ou calculados.

Avisou a mãe que iria embora. Ela buscou o outro de seus dois dotes de casamento, uma versão em italiano da Bíblia que havia herdado de uma imigrante ancestral, na qual colocou algumas notas de dinheiro para acompanhá-lo em seu esquecimento da vida que estava deixando para trás. Antes de virar as costas, porém, ele subtraiu o anel de casamento da mão cadavérica e o colocou em seu dedo. Vislumbrou que, apesar de tudo, honraria a tradição secular de gerações, cujo simbolismo autorizava cada proprietário do anel a manter a tirania sobre os mais desprotegidos. Fez o sinal da cruz, somente por hábito ou pelas aparências.

Agora sinto um íncubo sentado em cima do meu peito. Não consigo respirar. Não posso me mover, ainda que traga os olhos abertos. Eu o vejo em sua despedida abandonando a mãe, que se mantinha ereta para esconder atrás de si o grande vão que se abria nas fundações da velha casa, quando se pôs em rota de colisão com o mundo. Um calafrio indesejado toma todo o meu corpo. A sua aproximação não é bem-vinda, pelo contrário. A respiração, sôfrega. Não o conheço, mas o pressinto. Em lugar do rosto, a carne mal-arranjada sustenta um sorriso obscuro, grotesco. A angústia, com suas garras cravadas no teto da noite, está à espreita.

Após alguns meses biscateando, resolveu alistar-se no serviço militar. Desde o início, pretendeu chegar logo às patentes mais altas. Para isso, desenvolveu a habilidade de bajular a quem pudesse se tornar aliado de suas ambições. E não queria pouco. Mas não estava disposto a ajustar-se à disciplina e aos rigores necessários para continuar em sua sanha de poder. Disto, estava farto. Disto, já havia sofrido o bastante sob a lei do pai.

Quando acordar, lembre-me de que não deveria ter dormido
Tânia Bittencourt Bloomfield

Então se tornou um corpo estranho naquela e noutras instituições. Contudo, encontrou artifícios para dissimular cega obediência, enquanto maquinava arroubos, bravatas, desvarios e sabotagens.

A vontade de arquitetar o futuro que mais lhe conviesse não excluía um recôndito desejo de ser reconhecido, aceito, admirado. Odiava o espelho, por este lhe mostrar que a máscara mortuária do pai ia se sobrepondo à sua própria. Quanto mais queria desprender-se da herança parental, mais amalgamado estava àquela terra. Casar-se seria oportuno, por vários motivos, mas, principalmente, porque faria com que pudesse exercer plenamente o poder do anel a partir de seu umbigo. E as parcerias encontradas não podiam ser mais padronizadas, desnaturadas, desvalidas. Cada uma delas amoldável a um quartel de sua vida. A farda fálica, mesmo que inerte nos ombros dentro do armário, sua isca. Logo, sua descendência vingaria. E vingou, a sua imagem e semelhança. Como um demiurgo, modelou-os e atou-os aos níveis mais primitivos de carência, para que eclodissem em devoção pretoriana quando a oportunidade lhe arreganhasse os dentes. A dominação patriarcal legitimada pelo anel diz respeito aos filhos, não às mães. Eles lhe pertencem, não a elas. Em diferentes camas, enfatiou-se de várias.

Eu o vejo em suas noites insones, lendo a literatura eivada de preconceitos milenares, de liturgia utópica sectária, de promessas de um mundo expiado do indesejável, do impuro, da deficiência, do improdutivo, do diferente. E quanto mais lê, menos dorme, tomado pela ânsia da violência a ser desapiedadamente aplicada, de modo a limpar o entorno da mesma forma como alguém limpa o jardim de plantas ditas daninhas. Sonha, de olhos abertos, com a “Solução Final” ou com o “Grande Expurgo”. A infâmia germina e se contorce ao redor de seu corpo, subindo desde os esporões de seus calcanhares. Em seus dias, esforça-se na obtenção de adeptos à seita da qual se pretende pastor. Sempre me impressionou a atração hipnótica que personalidades desviantes, atormentadas por sonhos megalômanos, arautos da destruição e da morte, exerce sobre o rebanho supostamente saudável. Talvez seja porque uma verdade subterrânea de fato exista, como a que ouvi de um personagem maligno em um filme de terror, gênero do qual me esquivo o máximo que posso: “a humanidade deseja o bem, mas anseia pelo mal”. Seria, por acaso, a natureza de nossa temporalidade sumária e a consciência da perecibilidade do que precisa retornar à origem, o que nos torna vulneráveis ao mal, de acordo com a justificativa doutrinária agostiniana? Em nome de um tempo a mais, de algumas benesses espúrias e vãs, é que pactuamos com o arregimentador de almas? Além do anel, alguns galardões, comendas e medalhas são seus novos fetiches. São somente simulacros do que é central: o desejo de desejar. Em seu caso, o de poder submeter e fazer sofrer perversamente.

Em seu destino, encena poses heroicas montado em bestas-feras, imerso em uma atmosfera saturada de pólvora e enxofre, e flerta com extremismos de toda ordem para assombrar os mais impressionáveis e ignorantes. Todo mundo sabe que temíveis carismáticos não podem demonstrar fraqueza, compaixão, empatia ou perda de virilidade. Muito

Quando acordar, lembre-me de que não deveria ter dormido

Tânia Bittencourt Bloomfield

menos, podem voltar atrás em seus desatinos. Quanto mais moralidade vomita em seus discursos públicos desconexos, mais se corrompe em conluios e negociatas escusas. Defende o execrável e pleiteia o interdito. Dobra o corpo em genuflexórios profanados, hipocritamente. Mas quando bate no peito em falsa contrição ou canta o hino nacional, sabe que é uma criatura indigna de apreço, desprezível pecador. Traidor da pátria. Reacionário. Lesa-humanidade.

O travesseiro dissolve-se em uma papa movediça. Debato-me para manter o nariz à tona, enquanto a cabeça é tragada em uma queda lenta. Os cabelos transformam-se em fios de chumbo emaranhados. O peito arqueja, os dedos crepitam. Penso estar gritando, mas o som é totalmente absorvido pela cerração espessa que se precipita sobre a cama. Posição fetal. Nunca: dormir, buscar refugiar-se nos lençóis da conformidade, bordados com monogramas de otimismo mórbido, foi um ato tão perigosamente irrefletido e executado por tantos insulados que, agora, precisam acordar, coletiva e sincronicamente, antes que um novo dia amanheça sob o signo do sol negro e suas doze runas. Ele está mais próximo. Ele está de volta. Ele intenta ficar entre nós. ☉